



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MARCOS SALES DE SOUZA

**QUESTÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO CULTURAL NO POEMA “SOU
NEGRO” DE SOLANO TRINDADE**

**GUARABIRA
2023**

MARCOS SALES DE SOUZA

QUESTÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO CULTURAL NO POEMA “SOU NEGRO” DE SOLANO TRINDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciamento em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Suely da Costa

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719q Souza, Marcos Sales de.
Questões de identidade e pertencimento cultural no poema "Sou Negro" de Solano Trindade [manuscrito] / Marcos Sales de Souza. - 2023.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Poesia Afro-brasileira. 2. Questões étnico-raciais. 3.
Solano Trindade. I. Título

21. ed. CDD 808.068

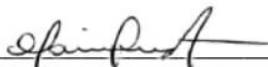
MARCOS SALES DE SOUZA

**QUESTÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO CULTURAL NO POEMA
“SOU NEGRO” DE SOLANO TRINDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Letras Português
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciamento em Letras.

Aprovada em: 30/11/2023.


BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Vilian Mangureira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por acreditar e valorizar os esforços na chegada até aqui, DEDICO.

“Há um tempo para cada coisa debaixo do sol, tempo de plantar, de colher, de nascer, de viver e de morrer...” (Ecl, 3,1)”

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A LEI 10.639/2003	11
3. SOLANO TRINDADE: UM EXPOENTE DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA....	14
4. “SOU NEGRO”: POESIA DE RESISTÊNCIA, IDENTIDADE E PERTENCI- TO.....	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

RESUMO

Autor Marcos Sales de Souza¹

Este trabalho discorre sobre a presença da Literatura Afro-brasileira no contexto da sala de aula, conforme preconiza a Lei 10.639/2003, a partir da reflexão do poema “Sou Negro” do escritor Solano Trindade. O objetivo está em verificar como tal produção literária pode contribuir na formação de alunos conscientes acerca da história do povo negro, em torno de questões de identidade e pertencimento étnico-racial. Como fundamentação teórica, contamos com os estudos Ferraz (2020), Queiroz e Botelho (2019), Hattner (2009), Bosi (2015), Castells (2001), Bernd (1992), Cuti (2010), entre outros. Através da poesia de Solano Trindade, é possível refletir sobre questões étnico-raciais e o modo como o poeta discute metaforicamente questões de estereótipos difundidos ao longo da história contra o povo negro.

Palavras-chaves: Poesia Afro-brasileira; Questões étnico-raciais; Solano Trindade

¹ Aluno de Graduação de Letras/Português na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III. E-mail: marcos12sales@gmail.com

ABSTRACT

This work discusses the presence of Afro-Brazilian Literature in the context of the classroom, as recommended by Law 10.639/2003, based on the reflection of the poem "Sou negro" by the writer Solano Trindade. The objective is to verify how such literary production can contribute to the formation of students aware of the history of black people, around questions of identity and ethnic-racial belonging. As a theoretical foundation, we rely on the studies Ferraz (2020), Queiroz and Botelho (2019), Hattner (2009), Bosi (2015), Castells (2001), Bernd (1992), Cuti (2010), among others. Through Solano Trindade, poetry, it is possible to reflect on ethnic-racial questions and the way in which the poet denounces injustices and stereotypes spread throughout history against black people

Keywords: Afro-Brazilian Poetry; Ethnic-racial questions; Solano Trindade.

1. INTRODUÇÃO

A presença da literatura afro-brasileira no currículo do ensino básico de forma obrigatório nos estabelecimentos escolares do país, conforme orienta a Lei 10.639/2003, tende a trazer para o ambiente escolar a abordagem da cultura e da história do povo afrodescendente, por meio da qual podemos dar destaque a questões de identidade étnico-racial, o que se evidencia na literatura, uma vez que a produção literária negra busca resgatar a memória dessa etnia, muitas vezes invisibilizada pela história oficial do Brasil. Assim sendo, a criação da Lei nº 10.639/2003 visa abrir um ambiente de efetiva valorização do negro na sociedade, a partir do ambiente escolar, combatendo práticas conservadoras predominantes quanto ao embranquecimento cultural aplicadas ao longo do tempo no sistema de ensino brasileiro, introduzindo nesse sistema a possibilidade de uma educação antirracista.

O interesse pelo tema proposto neste estudo deveu-se à nossa atividade na disciplina de Estágio Supervisionado, desenvolvida no Curso de Letras Português, quando, ao escolher trabalhar a literatura afro-brasileira com alunos do 1º ano do Ensino Médio, foi possível verificar a deficiência de conhecimento que os alunos tinham sobre a literatura e o desconhecimento específico sobre a literatura afro-brasileira. Fato este também muito recorrente entre muitos docentes. Quanto à minha experiência na condição de formando em Letras, somente após o contato com a disciplina de Literatura-afro-brasileira, foi possível melhor compreender sobre essa literatura e demais conceitos a exemplo de branquitude, racismo estrutural, negritude, ancestralidade, identidade étnico-racial, e assim definir um projeto de estudo em torno da poesia do escritor Solano Trindade.

Em função disso, este estudo tem por objetivo verificar como a poesia de Solano Trindade pode contribuir na formação de alunos conscientes acerca da história do povo negro, em torno de questões de identidade e pertencimento étnico. Assim, tem como objeto de leitura o poema “Sou negro” que integra a coletânea *Cantares ao meu povo* (1961) de autoria do poeta Solano Trindade. Como base nesse poema, podemos refletir sobre questões de identidade e valorização do povo negro demonstrando como a linguagem poética, na sua condição de arte, é importante para desbravar o caminho de conscientização e valorização da história e cultura afro, a partir de um olhar que valoriza a identidade do negro na cultura brasileira, desconstruindo estereótipos.

É importante destacar que a produção literária de Solano Trindade “açoita” fortemente atitudes preconceituosas da sociedade brasileira relacionadas à cultura do povo negro, que além de enfrentar a discriminação social, ainda tem que conviver com a inferiorização de sua cultura e literatura. Observando a realidade quanto à presença do texto literário no contexto de ensino, nota-se a necessidade de estimular leituras da literatura afro-brasileira dentro das salas de aula, no contexto do ensino básico, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio; uma forma de inserir os leitores em contextos culturais afrocentrados, construindo uma visão mais concreta, considerando que os textos literários carregam em si linguagem que refuta estereó-

tipos atribuídos negativamente ao negro, cujo esse imaginário se faz ainda presente na sociedade brasileira.

Como fundamentação teórica, sobre a literatura afro-brasileira, dialogamos com os estudos de Feldman et al (2015), Ferraz (2020) Queiroz e Botelho (2019); quanto à discussão sobre identidade e pertencimento étnico-cultural, os estudos de Hattner (2009), Castells (2001), Bernd (1992); quanto à discussão sobre poesia e resistência, os estudos de Bosi (2015), Viotti (2023); Cuti (2010); e quanto à literatura no contexto da sala de aula, os estudos de Cavalleiro (2002), Queiroz e Botelho (2019), Costa (2018), Bezerra (2006), Ferreira e Feitas (2019), entre outros.

Quanto a discussão sobre identidade e pertencimento étnico-cultural, a qual se propõe o presente artigo, vamos abordar as várias maneiras e os mais diversos aspectos de resistência e pertencimento os quais se manifestam na produção literária; abordaremos de forma sucinta a partir dos dispositivos legais, a presença dessa temática em sala de aula; analisaremos o poema do ponto de vista da linguagem pontuando seus significados.

2. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E A LEI 10.639/2003

O estudo da literatura e cultura afro-brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio passou a ser obrigatório a partir da Lei 10.639/2003. Porém, ainda assim, encontramos a ausência na grade curricular das escolas, quer seja elas públicas ou privadas, de conteúdos direcionados a uma abordagem efetiva sobre a temática. Isso porque o próprio livro didático, quando não traz uma representação do afrodescendente fictício, tende a reiterar preconceitos fruto do discurso social (Ribeiro, 2010).

A Lei 10.639/2003, que torna o ensino de história da África e dos africanos obrigatório, foi alterada, no ano de 2008, através da lei 11.645, estendendo essa diretriz ao estudo de conteúdo da história e cultura indígena. Assim, essa alteração do texto que antes era vigente na Lei 9.394/1996, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) normatiza uma conquista histórica das lutas do movimento negro, porém ainda existe um longo caminho a ser percorrido em meio a nossa sociedade brasileira para a inserção do estudo da literatura afro brasileira nas escolas.

Conforme explicam os incisos da Lei 11.645/08:

1º - O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

2º - Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Brasil, 2008, n.p.)

É importante ressaltar que embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) oriente que a prática de leitura requer a compreensão além de promover o contato frequente com os diferentes gêneros textuais e com outras culturas, de modo desenvolver atitudes de respeito pela diversidade e empatia pelo diferente, as condições da aplicabilidade plena como determina a lei ainda estão muito aquém do desejado, passando pela necessidade de uma formação contínua dos professores acerca da temática, incluindo formas de abordagem e apresentação do conteúdo proposto. Isso também reflete em nossa formação sociocultural, em não aceitar uma sociedade miscigenada como fruto da união de vários povos, em que foram introduzidos elementos da cultura africana.

De acordo com Queiroz, Botelho (2019) sobre a importância da literatura afro-brasileira nas escolas compreendemos que é preciso um olhar transdisciplinar na inclusão educacional da literatura afro-brasileira. As referidas autoras, dialogando com outros estudiosos do tema a consolidar suas impressões do ensino da literatura afro-brasileira em nossas escolas, afirmam “que trabalhar com a educação implica atuar entre campos da ética, da diversidade, da cultura, do respeito mútuo, entre tantos outros aspectos, inclusive o das relações raciais.” (Queiroz; Botelho, 2019, p. 89). Mesmo que em alguns momentos existam conflitos, de acordo com Lopes (2019, p. 47), “a literatura afrodescendente não pode ser compreendida [...]”, sem situar o aluno sobre sua história e a história dos seus antepassados.

Do ponto de vista do gênero poema no contexto de ensino, Costa (2018, p.9) pontua:

A vivência poética em sala de aula, bem como fora dela propicia, além do alargamento intelectual, a elevação da imaginação, bem como o desenvolvimento de princípios e características individuais capazes de medir e reafirmar os próprios sentimentos e ações do leitor. Ao aproximar os alunos de textos literários voltados para a formação, resistência e luta da população negra, a exemplo da poesia com temática sobre o negro, além de despertar o interesse pela leitura, poderá – a partir de atividades que não se referem a um conteúdo específico, mas a procedimentos de leitura e audição – promover o desenvolvimento de valores e atitudes nos alunos. Auxiliando-os, assim, a superar conflitos e a exercer de fato a cidadania, à medida que questionam e transformam sua realidade.

O poema de Solano Trindade, em questão, “busca os mesmos ideais libertários, sociológicos, de combate à segregação racial e social, procurando demarcar o espaço do negro no Brasil, restrito às periferias, favelas e bicos.” (Duarte, 2008, p. 13). Porém, é uma literatura que ainda está sendo descoberta já que não faz parte do cânone da literatura brasileira, e por isso ainda tende a ser vista como uma literatura marginal.

Sobre a representatividade, no contexto da produção afro-brasileira, destaca-se o estudo de Bernd no livro *Poesia negra brasileira: antologia* (1992), no qual aborda a construção e conseqüente evolução de uma consciência negra a partir de textos poéticos. Com base neste, é possível refletir sobre as questões de identidade e valorização do povo negro, demonstrando a importância do autor para desbravar o denso caminho de conscientização e valorização da identidade do negro na cultura brasileira, desconstruindo estereótipos, através de um eu-enunciador que se quer sentir-se ou assumir-se negro.

De acordo com Ferreira e Freitas (2019, p. 50), “Se a identidade está ligada à narrativa, como afirma Bernd, a literatura através da constatação da história contribui

para a formação do indivíduo como ser social [...]”. Isto também nos instiga para questionamentos que muitas das vezes são silenciados, quanto à valorização da resistência, o lugar do negro na sociedade. Desse modo, de acordo com Bernd (1992), o autor em questão está alicerçado na busca de identidade do povo negro. Nessa busca de identidade, “a produção poética de Solano é talvez a que [...] apresenta o maior número de elementos comuns com a melhor poesia negra que já se produziu nas três Américas” (Bernd, 1992, p. 46-47).

Essa problematização em torno da relação literatura e sociedade nos faz entender que a literatura afro-brasileira pode ser também compreendida com uma “[...] característica ficcional e simbólica, sua polifonia e variedades de sentidos, é um meio de resgatar a memória histórica da cultura afro-brasileira e ir em busca das suas raízes através de fatos da história [...] dos afrodescendentes[...]” (Ferreira e Freitas, 2015 p. 50).

É a partir desse olhar que identificamos nessa produção literária de Solano fortes relatos da história dos afrodescendentes, uma vez que além de fazer a busca de suas raízes também dialoga com a atualidade, pois, assim como no passado, o povo negro continua a sofrer com o preconceito estrutural, com a marginalização em vários aspectos.

Quanto à posição do poeta Solano Trindade no contexto literário brasileiro, Ferraz (2020, p. 34), aponta que

[...] sua presença no cânone literário brasileiro, formado majoritariamente por homens brancos, é de exclusão: seu nome não recebe destaque nem em capítulos dedicados ao modernismo brasileiro, do qual sua poesia se aproxima, nem da poesia engajada dos anos 1960. Entretanto, no caso de um cânone (em construção) da literatura afro-brasileira, ele ocupa uma posição sólida, como autor incontornável, ao lado de expoentes como Maria Firmina dos Reis, Luís Gama, Abdias Nascimento e Conceição Evaristo. Portanto, é de uma posição marginal em relação à literatura brasileira consagrada pela academia, pelo mercado e pelo sistema educacional que ele aciona o repertório de imagens e formas da literatura nacional; por outro lado, é com voz de autoridade que ele consolida uma sensibilidade artística identificada com a negritude.

A citação revela esse paradoxo entre duas produções literárias, a dos brancos, considerada a canônica, e a afro-brasileira, considerada a literatura dos negros. Porém, quando olhamos de forma mais criteriosa, compreendemos que existe uma exclusão em relação à literatura afro-brasileira por ela ser vista como uma “literatura de negro”; visão esta que precisa ser revista, desconstruída.

É importante ressaltar que a produção literária de Solano Trindade o diferencia entre os demais escritores que também trabalham com a mesma temática, pois cada escritor possui uma maneira muito pessoal de expressar suas impressões sobre sua vivência, seu olhar para o mundo e até na forma da abordagem temática. Isso não o contrapõe aos demais autores, a exemplo de Maria Firmina de Jesus, Luiz Gama e Conceição Evaristo, mas ao contrário estabelece um equilíbrio entre eles no sentido de trabalharem a mesma temática, porém imprimindo uma marca que identifica cada qual em suas produções. Vale ressaltar que o escritor Solano Trindade não contrapõe a narrativa ideológica racial, pois os seus textos apresentam a realidade vivida pelo negro sem perder a expressividade poética, de uma forma muito íntima e pessoal.

Nesse caso específico, referimo-nos à literatura afro-brasileira como um símbolo de resistência de tudo que foi imposto em relação ao povo negro, introduzida e

enraizada na mente das pessoas ao longo do tempo. A respeito disso, afirma Bernd (1992, p. 14):

[...] a grande massa da população não tem acesso ao conhecimento científico, continuando a repetir, até por força da inércia, as ideologias racistas a esta altura já profundamente enraizadas nos corações e nas mentes das pessoas. E o que ainda é pior: essas ideologias racistas, que dão fundamento aos preconceitos, são introjetadas até mesmo pelos próprios negros, que ou permanecem em um estado de alienação ou decidem parar para reavaliar a situação, o que muitas vezes desencadeia uma verdadeira 'crise de identidade'.

A partir do exposto, compreendemos a importância da conscientização e valorização da identidade do povo negro. Nesse processo, a poesia, assim como as demais expressões literárias, pode influenciar o comportamento social com a finalidade de combater ideologias preconceituosas.

Em prol da causa negra, os escritos de Solano Trindade têm forte relação com a vivência dos negros, seus dilemas e dificuldades na relação com os brancos, sem deixar de valorizar e exaltar as qualidades dos seus antepassados. No poema "Sou negro", podemos evidenciar uma amarga realidade do povo negro e também um tom nostálgico da história de um povo forte, rico em cultura e costumes.

3. SOLANO TRINDADE: UM EXPOENTE DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Solano Trindade, considerado por muitos estudiosos um dos relevantes poetas afro-brasileiros, de acordo com Felman, Silvestre, Milant (2015, p. 106) é "aceito pela cultura intelectual negra nos círculos canônicos do Brasil. Possui reputação comparada à de Jorge Amado e fora inscrito como poeta da literatura e cultura afro-brasileira contemporânea." O seu discurso combate o preconceito e os estereótipos lançadas ao povo negro, como se os negros não tivessem condições intelectuais de adentrar nos diversos seguimentos da sociedade brasileira.

Desse modo, a expressividade artística de Solano Trindade como, ator, diretor de teatro e militante político mostra um homem com grande notoriedade no cenário literário brasileiro. O seu estilo literário buscar trazer narrativas como forma de denúncia social, mostrando os seus antepassados enquanto vítimas de maus tratos por uma elite escravocrata (Felman et al 2015).

Essa visibilidade do poeta pernambucano Solano Trindade por meio da produção afro-brasileira mostra que a sua presença é marcante não só em "[...] antologias e, mais recentemente, nos manuais de história da literatura negra/afro-brasileira, além de livros didáticos, traduções para o exterior e outros índices de êxito dentro do campo intelectual. (Ferraz, 2020, p. 4)

Assim, estudos sobre a literatura de autoria negra mostram a contribuição do autor Solano Trindade a dar forma significativamente à literária afro-brasileira. Tal contribuição também se inscreve na maneira de quebrar com velhos paradigmas que em pleno século XXI ainda estão presentes em nossa sociedade, quando inferiorizam a literatura afro-brasileira. Segundo Duarte (2011, p.1),

Enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em

pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais. [...] Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.

Quanto ao poeta Solano Trindade, registram-se os seguintes dados biográficos:

Francisco Solano Trindade nasceu em 24 de julho de 1908, no bairro de São José, em Recife-PE, filho do sapateiro Manoel Abílio e da doméstica Emerenciana Quituteira. A miscigenação está presente nas origens étnicas do autor: neto de negro e branca, pelo lado paterno; e negro e indígena, do lado materno. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios da capital pernambucana, tendo concluído o equivalente ao ensino médio atual. Desde cedo, estabeleceu contato com a cultura popular e o folclore, levado pelas mãos do pai que, nos dias de folga, dançava Pastoril e Bumba-meu-boi nas ruas do Recife. O carnaval, suas figuras, o maracatu, e o frevo fascinavam o menino. A pedido da mãe, analfabeta, lia novelas, literatura de cordel e poesia romântica, que ambos apreciavam. Já adulto, o autor se casa em 1935 com Maria Margarida – terapeuta ocupacional e coreógrafa – com quem teve quatro filhos².

Uma série de atividades culturais concorreu para que o Solano Trindade venha se tornar um dos grandes expoentes da literatura afro-brasileira. Na década de 30, ele participou na cidade de Recife - PE do evento denominado de “[...] I Congresso Afro-brasileiro, organizado por Gilberto Freyre, que reúne dezenas de intelectuais voltados para a discussão da contribuição cultural da diáspora africana em nosso país [...]”³. Momento este em 1934 que se constituiu em um marco importante nas disputas discursivas em torno da questão do negro na história brasileira. A representatividade social, política e científica de seus participantes permite considerá-lo uma referência singular no processo de construção identitária nacional, quando se buscava uma maior inclusão e visibilidade dos negros.

Ainda em 1937, Solano Trindade também participou do “II Congresso Afro-brasileiro”, realizado em Salvador, que debateu sobre a valorização da contribuição africana para a formação da sociedade. Nesse período, Solano Trindade embalado pelos movimentos em prol da consciência negra, ao lado do poeta Ascenso Ferreira, do pintor Barros e do escritor José Vicente Lima, funda o “Centro de Cultura Afro-Brasileira”, bem como a “Frente Negra Pernambucana”. A partir desse encontro com os autores mencionados, Solano Trindade dá início a sua produção literária com o livro “*Poemas Negros*” publicado em 1936.

Já na década de 40, Solano Trindade passa a residir no Rio de Janeiro, onde começa a atuar nos círculos literários e culturais. Em 1944, lança o livro *Poemas d’uma vida simples*. Dentre suas atividades na área cultural, em 1958, Solano Trindade lança em São Paulo seu terceiro livro, *Seis tempos de poesia*. Seu quarto livro foi lançado em 1961, o *Cantares ao meu povo*. Então, entre suas idas e vindas, Solano Trindade passa a morar em Embu, São Paulo, tendo ido para o Rio de Janeiro anos depois, vindo a falecer em 1974.

² fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/429-solano-trindade>

³ fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/429-solano-trindade>

A respeito da sua produção literária e engajamento, Bispo (2011, p.26) destaca:

Solano Trindade falava de uma realidade que conhecia muito bem. Desde suas origens em Pernambuco e ao deixar sua terra natal, percorreu vários estados brasileiros, dentre eles Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Por onde passou deixou a sua marca. Nos anos 50, criou, no Rio de Janeiro, o Teatro Popular Brasileiro, juntamente com sua mulher Margarida Trindade; quando se mudou para o Embu, em São Paulo, levou essa experiência teatral, unindo-se ao sociólogo Edison Carneiro. Nessa cidade, ficou conhecido como o “Patriarca do Embu”, por ter dinamizado a sua vida cultural. Antes, na sua passagem pelo Rio Grande do Sul, criou o Grupo de Teatro Folclórico nos anos 40, juntamente com o ator Balduino Oliveira. No Rio de Janeiro era assíduo frequentador do Bar Café Vermelhinho – localizado em frente à Associação Brasileira de Imprensa – que ficou famoso por reunir poetas, intelectuais, artistas e jornalistas. Lá conheceu e ficou amigo de grandes nomes representantes das artes cênicas como Abdias do Nascimento – fundador do Teatro Experimental do Negro –, do ator Grande Otelo, da dançarina Mercedes Batista – pioneira da dança afro-brasileira e das atrizes Ruth de Souza e Léa Garcia.

Podemos observar o engajamento do Solano Trindade, ao lado de outros grandes nomes de relevância no cenário mundial, mostra o seu comprometimento com a causa do povo negro por valorização da contribuição para a formação da sociedade. Uma atuação em prol da construção das narrativas identitárias nacionais, negando a ideologia ou mito da democracia racial⁴ que ganhou certa oficialidade no Brasil.

Desse modo, a produção literária do autor Solano Trindade nos mostra que este “[...] assumiu a questão identitária. [...] tomando a identidade como resultado da narrativização do sujeito e das suas vivências sociais, sendo, portanto, construída no e pelo discurso e activadas, estrategicamente” (Ferraz, 2020 p. 2). É possível dizer ser esse uma voz em prol das lutas e conquistas dos negros na sociedade brasileira, com destaque em específico no campo artístico.

4. “SOU NEGRO”: POESIA DE RESISTÊNCIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Dentro do contexto brasileiro, é válido considerar que as relações étnicas transitam na dinâmica processual da ideologia do branqueamento⁵, do mito da democracia racial e da ambiguidade identitária. Estudiosos como Hall (1999, 2003), Sodré (1999), Munanga (1999), que discutem concepções em torno da categoria identidade e, mais especificamente sobre a identidade negra, tendem a ser reiterados por Castells (2001) ao apontar três tipos de identidades: as identidades legitimadoras, impostas pelas institui es hegem nicas na sociedade com fins de legitimar sua domina o; as identidades de resistência, que surgem no enfrentamento da domina-

⁴ Durante o século XX, a “democracia racial” criou a ideia da harmonia entre as raças no país, mas na realidade ela nunca existiu (Cf. Souza, 2000)

⁵ A ideologia do branqueamento no início do século XX, contribuiu para desenvolver, no branco, um complexo de superioridade e, no negro, em contraposi o, um complexo de inferioridade (Cf. Munanga, 1999).

ção pelos atores sociais submetidos aos processos de dominação; e as identidades de projetos, que se constituem na luta coletiva no interior da cultura política.

É fato que “enquanto discurso cultural, a literatura se constitui um espaço privilegiado para a construção de imagens e sedimentação de conceitos e construção de identidades” (Costa, 2018, p.3). Assim, cabe atentarmos para

Uma literatura cujo discurso assume como principal característica a presença de um eu que rejeita a identidade atribuída a ele pelo outro e o desafio em assumir a escrita de sua História põe em foco uma formação antirracista e humanizada.

Antirracista no sentido de que seus atores tenham o direito de dizer a sua palavra e reafirmar seu lugar no contexto social, possibilitando, assim, espaço para o reconhecimento da diversidade cultural com base em uma concepção plural do mundo, deslegitimando as formas de preconceitos e educação antidemocrática (Costa, 2018, p 3).

A cerca do estudo da literatura afro-brasileira, torna-se importante fazer uma abordagem com especial atenção para o que Alfredo Bosi chamou em sua obra *O ser e o tempo da poesia* (1977) de “poesia resistência”, e suas diferentes formas e maneiras de se manifestar na produção artística literária. A partir das discussões de Bosi, Viotti (2023) se debruça sobre as diferentes formas da poesia resistência e tenta simplificar de forma básica o que este apresenta em seu estudo: “que a poesia é uma forma de discurso que busca resistir ao discurso da ideologia dominante”. (Viotti, 2023, p. 215). O próprio Bosi (1977, p. 146), ao contextualizar seu pensamento, problematiza a reflexão:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor barbárie e caos, “esta coleção de objetos de não amor” (Drummond). Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia. Quer refazendo zonas sagradas que o sistema profana (o mito, o rito, o sonho, a infância, Eros); quer desfazendo o sentido do presente em nome de uma liberação futura, o ser da poesia contradiz o ser dos discursos correntes. (Ainda que nem sempre possa impedir de todo que um outro pseudo valor formal vigente – e, daí, obliquamente ideológico – venha a cruzar seu jogo verbal.)

Como podemos ver, Bosi abre várias possibilidades de interpretação, buscando identificar as várias maneiras que se manifesta o poeta na produção literária com esse viés. O teórico em questão verificou em seus estudos que há mais de uma forma de resistência, chegando a evidenciar a crítica social, mas pontuando que existem outras formas subjetivas de se aplicá-la. Em entrevista à *Revista Adusp* (2015), Bosi exemplifica como o poeta pode apresentar sua criação literária a partir de uma subjetividade interna, não necessariamente ideológica, mas que não deixa de apresentar aspectos de resistência:

Às vezes o poeta entra muito dentro de si mesmo e sua forte carga subjetiva involuntariamente se opõe àquilo que é a prosa do mundo, a prosa ideológica. Não que ele faça uma proposta formal de ataque à sociedade, mas a sua linguagem é tão estranha e tão diferenciada em relação àquilo que é a linguagem ideologizada, ou a do senso comum, que ela se transforma em resistência. (Bosi, 2015, p.09)

Nessa discussão, as questões ideológicas, carregadas de conceitos em determinada produção poética, podem se contrapor a uma produção carregada de metáforas, musicalidade. Assim, “A linguagem da poesia envolve essas ambiguidades, porque está carregada de conotação e polissemia.” (Bosi, 2015 p.12).

A luz da discussão teórica acima apresentada, podemos dizer que o poema “Sou negro” de Solano Trindade é uma forma de literatura de resistência, com forte crítica social e denúncia ao racismo. O autor, por sua vez, torna-se um importante expoente na literatura afro-brasileira refazendo a história dos negros de forma crítica. Segundo Bernd (2011), é na chamada literatura de resistência que são utilizadas estratégias de inversão e/ou (re)construção de novos sentidos ao significante “negro”.

A produção literária de Solano Trindade iniciou-se em meados da década de 1940, ganhando expressividade por sua abordagem que dialogava tanto com o posicionamento político-social quanto com as questões raciais. No poema “Sou negro”, publicado em 1961, no livro *Cantares ao meu povo*, o olhar crítico de Solano aponta para a questão dos povos escravizados. O autor apresenta sua poesia como forte discurso de enfrentamento ao preconceito e a discriminação racial, ao tempo que no poema em questão busca reafirmar sua existência, conforme afirma Cuti (2010, p. 53): “O dizer-se “negro”, além de desdizer o que foi dito, é um dizer-se: “Sou Humano!”.

Hattnher (2009, p. 84), ao abordar a questão da poesia na literatura afro-brasileira, destaca Solano Trindade como “provavelmente o mais importante poeta negro brasileiro [...]”, e prossegue: “De fato, nos textos de Trindade encontram-se as principais características que delineariam a criação poética brasileira nos últimos cinquenta anos.” (Hattnher, 2009, p. 84). Falar em identidade e pertencimento étnico racial requer entender o que se denomina de literatura negra brasileira ou literatura afro-brasileira⁶, uma vez que podemos definir a literatura negra como uma identidade de pertencimento étnico-racial colocando o autor ou a autora negra (a) como sujeito do discurso⁷. Sendo assim, eles reverberam o seu pensamento e demarca o seu posicionamento ideológico, tronando-se protagonista de suas histórias e experiências vivenciadas.

É importante compreender que “A literatura se faz negra ao receber, por meio das formas de utilização da linguagem [...] que, ao mesmo tempo, estabelece e transforma essa experiência [...]” (Hattnher 2009, p. 80). E dessa forma os escritores (as) negros(as) podem falar da identidade e pertencimento étnico racial colocando em evidência o processo histórico social, sendo possível um discurso de resistência ao racismo estrutural⁸ que ainda está presente em nossa sociedade brasileira.

Quanto à atuação no campo das ideias, fazer um enfrentamento em situação oposta ao que muitas das vezes é feito em relação à literatura afro brasileira, é fundamental expor a autoafirmação por meio de valores sociais, porém os elementos ideológicos precisam ser argumentados de forma precisa que cause um impacto as classes dominantes no sentido de demonstrar que ainda existe o preconceito,

⁶ Parte dos intelectuais e críticos literários defende o uso da expressão “literatura afro-brasileira”, uma vez que o termo “negro/negra” poderia levar à identificação da produção literária com a cor da pele do autor. Segundo Bernd “literatura afro-brasileira” seria mais adequada, pois remeteria à origem étnica dos escritores e à comunhão de valores associados à cultura africana” (BERND, 2011, p. 20).

⁷ Segundo Duarte (2011), os fatores como autoria e o ponto de vista devem ser considerados na adoção da temática afro.

⁸ Sobre racismo estrutural, ver Almeida, 2019.

subjugando e discriminando o negro e a literatura afro-brasileira, conforme explica Moura (1988, p 138):

[...] No caso da literatura negra produzida no Brasil, a utilização reiterada e às vezes enfática do adjetivo negro/negra decorre de um momento histórico específico, no qual tal utilização é absolutamente necessária para promover uma inversão do valor negativo que a palavra “negro(a)”, adjetivo ou substantivo, tem para a sociedade brasileira, e para efetuar o resgate da trajetória histórica da população negra brasileira, da África às costas de nosso país, da senzala à favela, de escravizado a trabalhador explorado. Dessa forma, homens e mulheres negros (e escritoras e escritores negros) criam “valores sociais de sobrevivência ou auto-afirmação que lhe fornecem “os elementos ideológicos e sociopsicológicos aptos a se contraporem aos das classes dominantes e segmentos brancos racistas”.

Ainda nessa perspectiva de falar sobre a identidade e pertencimento étnico racial é importante refletir sobre a ousadia de quem escreve objetivando desconstruir estereótipos imposto ao longo do tempo por uma ideologia escravocrata e as consequências que essa criação literária, colocada como marginalizada, pode acarretar. Isso ganha uma maior dimensão, quando esse escritor se coloca como protagonista do que escreve. Por isso é necessário fazer uma discussão a respeito e não se calar mediante a essa estigmatização de uma literatura marginal que durante décadas foi silenciada.

Quanto a esse silenciamento mencionado acima, Hattnher (2009, p.79) também se refere afirmando que:

Em 1959 é publicado *O negro na literatura brasileira*, obra de Raymond Sayers traduzida por Antonio Houaiss, que estuda o negro muito mais como tema do que como criador de literatura. Em seguida, um silêncio quase absoluto de trinta anos, que será quebrado pelos ensaios de David Brookshaw, *Raça e cor na literatura brasileira*, em 1983, e Zilá Bernd, *Negritude e literatura na América Latina*, em 1987. O ano de 1988, centenário da Abolição, marcou, entre outras coisas, um súbito interesse das editoras pela questão negra, em todos os seus aspectos. Nesse ano foram publicadas duas obras fundamentais para os estudos de literatura negra no Brasil: *Poesia negra no Modernismo brasileiro*, de Benedita Gouveia Damasceno, e *Introdução à literatura negra*, também de Zilá Bernd. Em relação ao ensaio de Damasceno, é curioso pensar como um trabalho interessante como esse, originalmente apresentado na Universidade de Brasília como dissertação de mestrado em 1980 (e, portanto, anterior ao estudo de Brookshaw), precisou esperar tanto tempo para ser publicado. Nesse caso, o oportunismo de sua publicação em 1988 apenas comprova os mecanismos de exclusão da literatura afro-brasileira, que atingem não só as suas expressões, mas também seus discursos críticos.

Podemos observar que esse silenciamento em relação às produções literárias que abordam a temática afro-brasileira só demonstram uma exclusão dos escritores (as) negros (as) e conseqüentemente a exclusão da literatura afro-brasileira.

Quando direcionamos o nosso olhar para compreender o silenciamento no decorrer dessas décadas mencionadas anteriormente sobre produções voltadas à literatura afro-brasileira como uma forma de pensar em resistência percebemos que “Uma das primeiras tentativas de caracterização geral da produção poética negra brasileira foi feita por Cassiano Nunes, no ensaio ‘A poesia negra no Modernismo Brasileiro’”, (Hattnher, 2009, p.81), publicado em 1972, na revista intitulada *Cultura*, em sua 5ª edição, onde o autor fala das vivências negras.

Apesar das tentativas de levar ao público brasileiro durante o movimento que ficou conhecido como Modernismo, ainda não temos o devido reconhecimento da literatura afro-brasileira como deveria ser entendida, reconhecida, valorizada e aceita pela sociedade brasileira. A terminologia direcionada a essa produção literária pode gerar conflitos, seja “[...] a literatura negra, afro-brasileira ou afrodescendente. Conceito polêmico, nem sempre bem aceito ou compreendido [...]” (Bispo, 2011 p. 16), o que ocorre subjetivamente pela falta de conhecimento das pessoas quanto à importância dessa literatura para afirmação da identidade cultural dos povos afro descendentes. Contudo,

A gradual consolidação, no debate acadêmico brasileiro, do conceito de literatura afro-brasileira e suas variantes terminológicas mais ou menos equivalentes tem contribuído para revigorar reflexões sobre o papel da literatura na constituição de identidades e subjetividades marginalizadas, sobre a constituição e crítica ao cânone literário nacional(ista) e sobre o trabalho de releitura da História oficial a partir de um viés de resistência antirracista. A literatura afro-brasileira constitui um corpus específico de obras, formas, temas e autores/as que é, ao mesmo tempo, parte indissociável e dissidência programática da literatura brasileira consagrada, com a qual mantém um diálogo complexo. (Ferraz, 2020 p. 30)

A citação mostra essa relação complexa entre duas literaturas distintas, como se a literatura canônica dos “brancos” fosse mais importante do que a literatura afro-brasileira produzida pelos negros, colocada de forma preconceituosa, como já abordamos anteriormente.

Cuti em *Literatura negro-brasileiro* (2010) faz uma discussão sobre o dizer-se negro e cita o poema de Solano Trindade, “Sou negro”, como essa referência identitária. Para Cuti, ao se apresentarem como negro, poetas como Solano Trindade, sabem da representatividade que assumem como negros-brasileiros e não estão a se apresentar como resposta a questionamentos, pois:

Eles contradizem uma armação. Qual? De que “negro” é isso e aquilo de ruim, de negativo etc. Eles estão armando que não são o que os brancos, por meio da estereotipia, criaram para o próprio deleite e armação da branquitude. Esses poetas estão dizendo que são o que são e não isso e não aquilo que para eles foi inventado; estão dizendo que detêm o controle do próprio destino e propondo outro discurso. Essa armação é importante para o processo de tomada de consciência e para manter a disposição de seguir adiante com entusiasmo.” (Cuti, 2010, p. 52).

Nesse contexto, é importante enfatizar o quanto o poema “Sou negro”, texto base deste estudo, como referência à literatura afro-brasileira, pode se inscrever como um modo de questionar os discursos perpetrados ao longo do tempo que sempre inferiorizou o negro. O citado poema está estruturado por cinco estrofes compostas por versos livres. Cada estrofe apresenta sequência diferenciada, três destas com cinco versos, uma com quatro e uma com nove versos; a sua narrativa poética mostra a resistência dos negros subjugados pela condição histórica dada aos negros no contexto escravocrata brasileiro.

Em síntese, o poema em questão pauta como tema principal a discussão sobre a identidade negra, dando foco aos ancestrais. O “Sou negro” traz à memória do poeta na imagem do avô como um símbolo da luta pela liberdade, pois [...] Solano Trindade visa à “luta dos negros em um projeto de emancipação da humanidade em

geral” (Feldman, Silvestre, Milam, 2015 p. 101), para que não exista mais nenhuma forma de escravidão. Segue o poema:

Sou negro
 Sou negro
 meus avós foram queimados
 pelo sol da África
 minh'alma recebeu o batismo dos tambores
 atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
 vieram de Loanda

como mercadoria de baixo preço plantaram cana
 pro senhor do engenho novo
 e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado nas terras de Zumbi
 Era valente como quê
 Na capoeira ou na faca
 escreveu não leu
 o pau comeu
 Não foi um pai João
 humilde e manso

Mesmo vovó não foi de brincadeira
 Na guerra dos Malês
 ela se destacou

Na minh'alma ficou
 o samba
 o batuque
 o bamboleio
 e o desejo de libertação...

(Solano Trindade, In Cantares ao meu povo, 1961).

O título do poema demarca a identidade do eu-lírico e do próprio autor ao afirmar que é negro, e ainda demonstra o sentimento de orgulho. Em função disso, nota-se uma ênfase na resiliência, trazendo em memória o legado de um povo forte e lutador.

Meus avós foram queimados
 pelo sol da África
 minh'alma recebeu o batismo dos
 tambores atabaques, gonguês e agogôs
 (TRINDADE, 1961, p. 42)

Na primeira estrofe, o eu-lírico remete à memória, destacando aspectos identitários de sua ancestralidade nos termos “meus avós”, “sol da África”, marcados pelo rito do “batismo dos tambores, atabaques, gonguês e agogôs”, demarcado esteticamente no corpo do poema a sequência rítmica e sonora dos termos de afirmação cultural. Assim, a memória ancestral vai de encontro ao que se buscou implantar historicamente sobre os negros, cuja cultura fora negada pelo sistema escravocrata. Podemos ainda analisar que a construção da individualidade do Eu-lírico é feita usando os motivos físicos – queimados pelo sol –; e os simbólicos – representados

pelos sons dos instrumentos. E ainda há, no uso do nome dos instrumentos, uma individualidade vocabular das línguas da África.

Observamos ainda que o poeta Solano Trindade fala de uma experiência sócio-histórica em que o eu-lírico do poema remete aos seus antepassados mostrando o confronto que existe entre o povo negro e os dominantes. Essa experiência sócio-histórica pode ser entendida dentro desse contexto como uma forma de expressar a sua origem em ter identidade negra.

Na segunda estrofe, temos a narrativa marcada pela memória dos avós, como um representante de seus ancestrais vindos da África, vendidos como mercadoria para trabalhar no eito da cana de açúcar nos engenhos, e por resistirem ao opressor são cruelmente açoitados e castigados. E ainda expõe o maracatu como legado deixado por seu avô, como podemos acompanhar a seguir:

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.
(TRINDADE, 1961, p. 42)

É importante frisar que a partir da alusão à memória de seus antepassados o autor explora a dupla contribuição destes no Eu-lírico: de um lado a mão de obra do escravizado ajudando a manter o poderio de uma oligarquia familiar, representada por um senhor identificado como novo; do outro lado, é afirmado que, mesmo vivenciando o trabalho escravo, seus ancestrais deixaram uma contribuição cultural importante e cita o 'primeiro maracatu' como exemplo. Ao tempo que são vítimas de um sistema opressor, é possível entender a menção a um coletivo, pondo foco sobre a contribuição que os africanos deram na formação cultural da sociedade brasileira, dando forma a uma rica diversidade cultural.

Já na terceira estrofe, temos a exaltação de um dos maiores símbolos de representatividade do povo negro no Brasil, o Zumbi dos Palmares, um líder que lutou por liberdade; adiante coloca a capoeira como símbolo desse momento de luta. Vejamos:

Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso.
(TRINDADE, 1961, p. 42)

Assim, evidenciamos que evocação do autor Solano Trindade ao "pai João", não objetivou associar essa figura ao conceito apresentado no dicionário – "qualquer indivíduo negro e velho" -, mas reafirma a bravura de sua gente que, ao contrário de ser "humilde e manso"⁹, não aceita passivamente ser subjugado a ser predestinado

⁹ Aqui o poema remete à ideia da construção de "homem cordial", posta por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil* (1995): o "homem cordial", ordeiro que marcaria a nação foi e é algo, ainda hoje, muito difundido na mentalidade do brasileiro, uma forma de justificar a violência sobre os negros e negras, que vai sendo naturalizada como algo normal para punir os desviados da passividade nacional.

à escravidão, mas que luta incansavelmente para encontrar a liberdade, sem temer às adversidades. Assim, o poeta põe foco sobre a resistência do povo negro, que tem sido historicamente distorcida, visando confundir e eliminar a consciência crítica sobre a relação entre o explorador e o explorado, buscando evidenciar a figura do homem negro a partir de dois ângulos: o forte e valente, que precisa fugir para o quilombo; e um outro mais pacífico, que, supostamente, não luta por sua liberdade.

Podemos observar que as referências expostas pelo poeta reafirmam o seu discurso de identidade, em que ele também se torna um expoente por meio de sua luta em prol da liberdade. Essa liberdade historicamente desejada pelos negros encontra em Solano Trindade um eco, cuja poesia se apresenta como uma forma de resistência a tudo que foi imposto aos negros, negando-lhes uma vida digna.

Na quarta estrofe, ainda sob o resgate da memória, pontua fatos do processo histórico, apresentados como símbolos de resistência, como podemos conferir a seguir:

Mesmo vovó
 não foi de brincadeira
 Na guerra dos Malês
 ela se destacou.
 (TRINDADE, 1961, p. 42)

Aqui, tem-se a representação da avó posta como mulher forte que lutou por direitos, respeito e liberdade, mas também uma referência à memória da violência racial. O autor cita a “guerra dos Malês” resgatando à memória do movimento de escravos mulçumanos ocorrido em 1835, em Salvador na Bahia, que, em confronto com a religião islâmica, tentava libertar os escravos africanos, que se encontrava oprimidos. Desta forma podemos observar que o Eu-lírico do poema busca explorar novamente a história de luta de seus antepassados, fazendo com que ele seja visto como um descendente de homens e mulheres fortes e valentes. Assim temos uma literatura que, a exemplo de outras produções,

Além de desconstruir conceitos que desvalorizam ou negam o negro, os textos da literatura afro-brasileira destacam elementos que exaltem sua condição e identidade, associando à resistência e à coragem do negro na busca por sua liberdade, sem negar um passado histórico de sofrimento (Costa, 2018, p.3)

Com efeito, a experiência sócio-histórica, apreendida nas expressões de memória registrada nos versos do poema, nos mostra as relações da literatura com a sociedade, possibilitando ao leitor revisitar e compreender o processo histórico, e assim perceber o discurso “dentro de uma perspectiva histórico-crítica de negação de racismos e valorização da diversidade” (Costa, 2018, p.10).

Nesta quinta estrofe, por meio do ‘eu-lírico’, tem-se o enaltecimento e a reafirmação da cultura afro, marcado pelo sentimento de pertença, de identidade e “desejo de libertação”. Vejamos:

Na minh'alma ficou
 o samba
 o batuque
 o bamboleio
 e o desejo de libertação.
 (TRINDADE, 1961, p. 42)

Através da linguagem poética, o autor busca valorizar os símbolos da sua representatividade cultural - “o samba/o batuque”; adiante busca enaltecer a dança e o movimento corporal como ação de resistência de um povo que luta por libertação, desta forma podemos entender que a construção identitária da voz do poema é uma mistura de criação artística, afirmação cultural e de luta.

Seguindo o que foi apontado ao longo da análise textual, é possível afirmar que a identidade do Eu-lírico é forjada levando em consideração principalmente os aspectos étnicos e culturais, exaltando o empoderamento ao negro, trazendo a relação subjetiva entre o passado e o presente, visto que ainda persiste a luta do povo negro por igualdade, respeito e liberdade.

É importante enfatizar dentro desse contexto, que o eu-lírico é também uma forma de exaltação ao povo brasileiro de identidade negra que em memória nos remete ao continente africano. O termo “eu” bem marcado nos versos que compõe o poema, não pode ser entendido apenas como um olhar singular para o próprio autor, pelo contrário devemos ampliar o nosso olhar e entender o discurso direcionado ao coletivo, percorre dos antepassados aos contemporâneos. E assim,

Através do enaltecimento da identidade negra, o poema defende uma unidade de atuação, alimentada pelo orgulho de um passado de resistência dos ancestrais e de responsabilidade perante o presente, já que o pertencimento implica também assumir e atualizar essa resistência no momento atual. [...] Por meio da linguagem poética, o autor exalta o orgulho negro, restabelece, figurativamente, a transmissão cultural rompida pela diáspora, restituindo o fio de uma tradição sempre atualizada e rebelde [...]. (Ferraz, 2020, p. 9)

Essa diáspora, enfatizada na citação, faz referência ao processo de escravidão dos negros traficados para outros países, dentre eles, o Brasil. Dá luz à identidade negra, fora de um olhar preconceituoso, é quebrar com antigos paradigmas e reconhecer que, independentemente da cor, raça ou etnia, somos frutos desse encontro cultural e étnico com outros povos, somos humanamente iguais, apesar das diferenças.

É percebendo as diferenças que existem entre as etnias e seus aspectos culturais que se torna possível obter um reconhecimento desses elementos da cultura afro-brasileira. Para tanto, “[...] temos o dever não só de conhecer os mecanismos de denominação cultural, econômica, social e política, ampliando os nossos conhecimentos linguísticos, históricos, geográficos e literários [...]” (Bezerra, 2006, p. 52), mas acima de tudo compreender que existem elementos que dão forma a cultura afro-brasileira.

Portanto, a produção literária afro-brasileira tem de ser vista em nosso tempo presente como uma forma de mostrar a importância da nossa história, falando da cultura afro de forma acessível a toda população, para que as pessoas possam compreender o nosso processo de formação sociocultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou evidenciar através do poema “Sou negro” de Solano Trindade, parte integrante da coletânea *Cantares ao meu povo* (1961), a quarta publicação do poeta, que ganhou forte relevância no meio literário, enquanto expres-

são da literatura afro-brasileira, como é possível refletir sobre questões étnico-raciais. De outro modo, evidenciar como o texto poético pontua uma narrativa de autoafirmação por meio da identidade da cultura afro, estabelecendo elos com a memória, marcada por sofrimento, mas sobretudo luta e resistência do povo negro.

Solano Trindade, através do poema “*Sou negro*”, soa aos quatro cantos como um grito de liberdade para expor, por meio de seu brado, as origens afrocentradas. Um grito de autoafirmação necessário para quem vive a experiência de um lugar social onde se ver cotidianamente práticas de negação de suas raízes africanas, portanto, podemos afirmar que o poema em estudo não apresenta aspectos denunciatórios, mas aspectos de afirmação de um povo, de uma etnia que luta para ressignificar sua história.

Assim, atendendo ao que orienta a Lei 10.639/03, a escola tem um importante papel a cumprir na desconstrução dos estereótipos criados pela sociedade. Para tanto é preciso evitar que, à luz do mito da democracia racial, a ausência do preconceito racial contra a população afrodescendente como tema de discussões no espaço escolar venha contribuir para o estabelecimento desse tipo de preconceito.

Enfim, é preciso entender que a literatura afro-brasileira, mesmo apresentando aspectos políticos na sua estética, não se trata de uma literatura meramente panfletária, com o único intuito de denunciar as desigualdades, mas que busca trazer sob a forma estética a memória de tradições culturais. Por isso tem um grande potencial para abordar temas de relevância na formação de leitores que devem ser conhecedores da história e da cultura do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo, Pólen, 2019.

BERND, Zilá. **Poesia negra brasileira: antologia**. Porto Alegre: AGE, 1992.

BERND, Zilá. **Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BEZERRA, Rosilda Alves. “Educação e diversidade cultural” in: **Sociedade, identidade e diversidade**. Organizadores LINS, Juarez Nogueira; BEZERRA, Rosilda Alves e CHAGAS, Waldecir Ferreira Olinda: Ed. Livro Rápido-Elógica, 2006.

BISPO, Suely. **Solano Trindade: Negritude e Identidade na Literatura Brasileira**, 2011. Disponível em, <https://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3724> - Acesso em 15 de outubro de 2023.

BOSI, Alfredo. “Poesia como resistência à ideologia dominante”. [Entrevista]. **Revista Adusp**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.adusp.org.br/files/revistas/58/mat01.pdf> - Acesso em, 07 de novembro 2023.

BRASIL. **11.645. Lei**, Brasília, 10 de março de 2008. Disponível em, http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10101-lei-11645-10-03-2008&Itemid=30192 – Acesso em 17 de outubro de 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. (Org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2002.

COSTA, Maria Suely da. **Poesia em sala de aula: letrando para uma educação antirracista**. In: Anais II CONBRALE, ISSN: 2594-5017, 2018. Disponível: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/43584>, acesso em 30 de outubro de 2023.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira / Cuti** – São Paulo: Selo Negro, 2010. Disponível em, https://www.ufrgs.br/prapedi/wp-content/uploads/2021/05/Literatura-Negro-Brasileira-Col.-Consci%C3%Aancia-em-Debate-by-Cuti-z-lib.org_.pdf – Acesso em 06 de novembro de 2023.

DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura afro-brasileira”. In: **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. N. 32. Brasília, Jan-Junho de 2008, p. 11-23.

HATTNER, Álvaro. “A poesia negra na literatura afro-brasileira: exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação”. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 78–89, 2009. DOI: 10.5433/1678-2054.2009v17p78. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24990>. - Acesso em: 7 de novembro de 2023.

LOPES, Maria Suely de Oliveira. **Literatura afro-brasileira e africana**/organizadores SOUZA Hélio Ferreira de; BEZERRA FILHO, Feliciano José. Teresina: EDUFPI, 2019.

FELDMAN, Alba Krishna Topan, SILVESTRE, Nelci Alves Coelho, MILAN, Cléia Garcia da Cruz. **Identidade comunitária e histórica do negro em Sou negro, de Solano Trindade e negro, de Langston Hughes** 2015. Disponível em, <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/3321/2648> - Acesso em 10 de outubro de 2023.

FERRAZ, Marcelo. **Configurações identitárias, afrodescendência e intertextualidade em poemas de Solano Trindade e Adriane Garcia** 2020. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/a27f5e7b-6a60-4e6b-bf91d356910fa7/content> - Acesso em 12 de outubro de 2023.

FERREIRA, Geane Patrícia da Silva. FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Literatura afro-brasileira de autoria feminina: um caminho para o letramento literário na escola regular – Práticas de Ensino em Literatura**/organizadoras SANTOS, Luciene Alves; MARQUES, Moama Lorena de Lacerda, Editora UEPB, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG / Brasília: UNESCO, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOURA, C. **Sociologia do Negro brasileiro**. São Paulo, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil - Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PALMEIRA, Francineide Santos. "Identidade étnica e literatura afro-brasileira". In: **Revista Multidisciplinar da Uniesp**. - n.º 11 - Jun. 2011/ ISSN 1980-5950. <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20180403120418.pdf>Aces. Acesso em 05 de outubro de 2023.

QUEIROZ, Suzana Teixeira de. BOTELHO, Denise Maria. Literatura Afro-brasileira: uma perspectiva transdisciplinar de inclusão educacional. **Literatura Afro-brasileira e Africana** / Organizadores. Élio Ferreira de Souza; Feliciano José Bezerra Filho. Teresina: EDUFPI, 2019.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues. "O afro-brasileiro e sua representação no livro didático de língua materna". In: **Trab. Ling. Aplic., Campinas, 49(1):101-113, Jan./Jun. 2010**. Disponível: <https://www.scielo.br/j/tla/a/dVMTHk635mJNjWWSJQHgNSq/#>. Acesso em 02 de novembro 2023.

SODRÉ, Muniz. **Claro e Escuros - identidade, Povo e Mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Jessé. "Democracia racial e multiculturalismo: a ambivalente cultura brasileira". **Revista Estudos Afro-asiáticos**, n. 38, 2000.

TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu Povo**. São Paulo. Editora Fulgor. 1961.

VIOTTI, Fernando Baião. "Diferentes formas da poesia resistência" VIOTTI, FERNANDO BAIÃO. Diferentes formas da poesia resistência. *Estudos Avançados* - Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/qS8Skdrv63ypyJFsK6M49bq/>]. 2023, v. 37, n. 108. Acessado 6 de novembro 2023, pp. 215-230 ...

Solano Trindade - Disponível em, <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/429-solano-trindade> - Acesso em 12 de outubro de 2023.